

Fabiano Eloy Afílio Batista
(Organizador)

ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

2



Atena
Editora

Ano 2021

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-531-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.317210410>

1. Artes. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II.
Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes.

As discussões propostas ao longo dos 39 capítulos que compõem esses dois volumes estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, ao Multiculturalismo e a Diversidade Cultural, buscando uma interlocução atual, interdisciplinar e crítica com alto rigor científico.

Por meio das leituras, podemos ter a oportunidade de lançarmos um olhar por diferentes ângulos, abordagens e perspectivas para uma ampliação do nosso pensamento crítico sobre o mundo, sobre os sujeitos e sobre as diversas realidades que nos cerca, oportunizando a reflexão e problematização de novas formas de pensar (e agir) sobre o local e o global.

Nesse sentido, podemos vislumbrar um conjunto de textos que contemplam as diversidades culturais existentes, nacionalmente e internacionalmente, e suas interlocuções com o campo das Artes, considerando aspectos da linguagem, das tradições, do patrimônio, da música, da dança, dos direitos humanos, do corpo, dentre diversas outras esferas de extrema importância para o meio social, enfatizando, sobretudo, a valorização das diversidades enquanto uma forma de interação e emancipação dos sujeitos.

Os capítulos desses dois volumes buscam, especialmente, um reconhecimento da diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das desigualdades, pois enfatizam que se atentar para a diversidade cultural e para o multiculturalismo é respeitar as múltiplas identidades e sociabilidades, de forma humana e democrática.

A coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola que direciona as discussões acadêmicas para o respeito às diversidades, sobretudo nas sociedades contemporâneas.

Ressaltamos ainda, mediante essa coletânea, a importância da divulgação científica, em especial no campo das Artes e, especialmente, a Atena Editora pela materialização de publicações de pesquisas que exploram e divulgam esse universo, sobretudo nesse contexto marcado por incertezas e retrocessos no campo da Educação.

Ademais, espera-se que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, oportunizando o surgimento de

novas pesquisas e olhares sobre o universo das Artes, do Multiculturalismo e da Diversidade Cultural.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISIS DE LA PRÁCTICA ARTÍSTICA MULTIDISCIPLINAR, UNA REFLEXIÓN SOBRE EL ESTILO EN EL ANÁLISIS DE LA OBRA DE J. BARBI Y R. GREGORES	
Laura Navarrete Álvarez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104101	
CAPÍTULO 2	14
ARTE E ATIVISMO AMBIENTAL NA POÉTICA DE FRANS KRAJCBERG	
Regina Lara Silveira Mello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104102	
CAPÍTULO 3	21
AS PAIXÕES DO ITALIANO MECARELLI: FOTOGRAFIA E PARATY	
Paulo Fernando Pires da Silveira	
Artur Cesar Isaia	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104103	
CAPÍTULO 4	35
PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL EN EXPRESIÓN DRAMÁTICA CON SÉNIORES	
Fernando José Sadio-Ramos	
María Angustias Ortiz-Molina	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104104	
CAPÍTULO 5	44
POLÍTICAS CULTURAIS NA BAIXADA FLUMINENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DO ESTADO NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS – RJ	
Marlon Santos Dias	
Janaína Machado Simões	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104105	
CAPÍTULO 6	57
POLÍTICA CULTURAL PARA AS ARTES: EM BUSCA DE UM CURTO-CIRCUITO	
Carlos Dalla Bernardina Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104106	
CAPÍTULO 7	65
DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA LEITURA SOB ALENTE DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	
Cleide Emília Faye Pedrosa	
Alzenira Aquino de Oliveira	
Juliana Barbosa Alves	
João Paulo Lima Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104107	

CAPÍTULO 8	80
A SENTENÇA SOCIAL E OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO INTERIOR DAS COMUNIDADES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL A PARTIR DO POVO GUARANI-KAIOWÁ, VIABILIZANDO AS MULHERES INDÍGENAS	
Ana Carolina de Oliveira Campos José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104108	
CAPÍTULO 9	96
OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS	
Michele Mara Domingos Rosemyriam Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104109	
CAPÍTULO 10	109
CARÁ-ROXO (<i>DIOSCOREA TRIFIDA</i>): A POSSIBILIDADE DE UM RESGATE DE HÁBITOS NA ALIMENTAÇÃO ALAGOANA	
Polianny Gusmão Remigio Costa Amanda Christina Simplício Calheiros Cristiana Purcell	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041010	
CAPÍTULO 11	116
DE FIORI NO LIMBO	
Marcos Faccioli Gabriel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041011	
CAPÍTULO 12	132
A ILUSTRAÇÃO DO VAZIO	
Mário Sette	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041012	
CAPÍTULO 13	140
PINTORES CANARIOS ACTUALES EN UNA ESTÉTICA DEL PAISAJE. PAISAJES NEORROMÁNTICOS Y VISIONES DEL PAISAJE EN LOS LÍMITES DE LA ABSTRACCIÓN	
David Manuel Méndez Pérez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041013	
CAPÍTULO 14	157
TUNGA: JOGO DE AFINIDADES	
Wellington Cesário	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041014	

CAPÍTULO 15	163
RÉPLICAS DO “EFEITO BILBAO”: A NOVA GERAÇÃO GLOBAL	
Jordi Oliveras Samitier Mila Nikolić	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041015	
CAPÍTULO 16	175
DOCUMENTÁRIO; VIDEOARTE – DO BRASIL PARA O MUNDO, DO MUNDO PARA O BRASIL	
André Hallak Martins da Costa Camilo Guimarães de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041016	
CAPÍTULO 17	188
HOW TO PLAY MODERN BASSOON IN A CONTINUO SECTION WITHOUT LOSING THE RESPECT OF YOUR COLLEAGUES	
Mathieu Lussier	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041017	
CAPÍTULO 18	200
ITINERÁRIO FOTOGRÁFICO DE PAULA SAMPAIO EM “ANTES DO FIM”	
Melissa Barbery Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041018	
CAPÍTULO 19	210
QUADRILHA JUNINA NO CONTEXTO DO RN: GÊNERO E SEXUALIDADE, PAUTAS LEVANTADAS NO ÂMBITO DA MANIFESTAÇÃO POPULAR	
Douglas Barros Gomes Marcilio de Souza Vieira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041019	
CAPÍTULO 20	214
PINTURAS NORDESTINAS: UMA RELEITURA DE ARTISTAS POPULARES BRASILEIROS, SOB A ÓTICA DE JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO DISTRITO FEDERAL	
Anna Rosa Scherma de Oliveira Claudia Candida de Oliveira Jaqueline Ornelas de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041020	
SOBRE O ORGANIZADOR	226
ÍNDICE REMISSIVO	227

CAPÍTULO 9

OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS

Data de aceite: 21/09/2021

Data de submissão: 06/08/2021

Michele Mara Domingos

Cantora, compositora, atriz e afro
empreendedora

Curitiba – Paraná, residente em Portugal

Trabalho de conclusão do curso de graduação
de Bacharelado em Musicoterapia – UNESPAR

– Campus de Curitiba II/FAP – 2016, foi

submetido ao comitê de ética e aprovado sob o
CAEE nº 56744316.5.0000.0094

<https://orcid.org/0000-0002-9236-7357>

Rosemyriam Cunha

Professora do curso de Bacharelado em
Musicoterapia na UNESPAR Campus de
Curitiba II

[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/
visualizacvdo?id=K4775078J6](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacvdo?id=K4775078J6)

RESUMO: A dominação racial que ocorreu no Brasil pelo tráfico de negros escravizados ainda repercute na subjetividade das pessoas de origem negra. Esta pesquisa, fundamentada na abordagem qualitativa e na pesquisa viva, teve por objetivo estudar os sentimentos que mulheres negras expressaram a partir da sua imersão em atividades musicoterapêuticas envolvidas nessas atividades, as participantes expressaram pensamentos, sentimentos e relatos de experiências de suas vidas. A análise resultou em agrupamentos temáticos que mostraram que as mulheres foram capazes de resistir e buscar soluções de superação para eventos

vivenciados. A música foi um meio facilitador da produção de lembranças e da capacidade de expressão dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia. Mulheres negras. Expressão de sentimentos.

ABSTRAT: The racial domination occurred through slavery still marks the Brazilian black population subjectivity. This research, based on the qualitative approach and the live research, studied the feelings black women expressed when participating in music therapy activities. When immersed in these actions the participants expressed thoughts, feelings and reports of lived experiences. The analysis resulted in thematic clusters that showed that those women were able to resist and seek for solutions to overcome events they experienced. Music was a means of facilitating the production of memories and those women's capacity of verbal and musical expression.

KEYWORDS: Music therapy. Black women. Expression of feelings.

1 | INTRODUÇÃO

A dominação racial que ocorreu no Brasil pelo tráfico de negros escravizados ainda repercute na subjetividade das pessoas de origem negra. O sofrimento das mulheres negras vem desde os tempos da escravidão no Brasil. Elas eram consideradas boas parideiras, boas para satisfazerem os desejos sexuais dos seus donos, boas amas de leite, boas para o serviço doméstico. Madeira (2004) afirma que,

“as negras sofrem duplamente tanto pelas condições de gênero, como de etnia, e a tradição escravagista continua legitimando formas de violência, práticas impunemente toleradas de utilização dessas mulheres como coisa” (MADEIRA, 2004, p.1)

Como a participação da mulher era efetiva em rituais festivos nas senzalas, era comum que elas fossem erotizadas por seus donos porque mostravam seus corpos de uma forma mais livre do que os padrões aceitos na época. Os movimentos da dança, os cantos, levavam o colonizador a acusar o povo negro de imoral e de considerar seus escravos como propícios à luxúria. Entre estes fatos historicamente marcantes, a cultura da miscigenação também originou filhos bastardos (FREYRE, 2003). As crianças eram consideradas e contadas como novos escravos, logo, esperava-se que as escravas gerassem mais escravos. Essa vivência de situações humilhantes, de exploração da mulher escrava, ainda ressoa na população feminina negra.

Posso falar por experiência própria. Cresci em um lar cercado pela violência. Minha mãe criou seus três filhos sozinha, assim como minhas avós, e essa mesma história se repetiu comigo: sobrevivi à violência doméstica e tive que recomeçar depois de perder um filho com oito meses de gestação. Entre estes fatos tristes e difíceis de vivenciar, havia na família, a presença atenuante da música, um elemento de integração que possibilitava reunir as pessoas.

Refletindo sobre a história da formação da nossa sociedade, sobre minha experiência de vida e ainda sobre relatos de mulheres que participam de movimentos da população negra, pude observar fatos não mudaram. Ainda hoje a mulher negra se sente só, deixada de lado nos relacionamentos amorosos. Elas se percebem como objeto sexual, sofrem com o desrespeito e violência doméstica e se tornam solitárias responsáveis pela criação dos filhos. Essa dinâmica social muitas mulheres, porém, quando aliada ao fator classe social e população negra, há um diferencial marcado pela condição de raça e pelo racismo.

Somado a estes fatos, observa-se que historicamente, a música sempre esteve presente na vida da população negra, nas manifestações culturais nas senzalas e como forma de expressão de sentimentos. Na música brasileira, temos exemplos de mulheres como a cantora Elza Soares. Músicas interpretadas por ela apresentam motivação e reflexão acerca da identidade racial, da luta do povo negro, além da contribuição para o empoderamento feminino negro, como na letra da canção “A Carne”, onde a artista canta: “A carne mais barata do mercado é a carne negra [...] Mas mesmo assim, ainda guardo o direito de algum antepassado da cor brigar por justiça e por respeito” (SEU JORGE, YUCA, CAPELLETTE, 2002).

Por estar presente no cotidiano do ser humano e por causar efeitos sobre a dinâmica física e mental humano, a música possibilita a expressão dos sentimentos que temos acerca do que vivemos. Essa razão leva a música a ser o recurso fundamental da prática musicoterapêutica, cujo objetivo se volta para o bem estar humano. Bruscia (1998) afirmou que a musicoterapia é:

“a utilização da música em um ambiente específico para inspirar, liberar e nutrir o processo de descoberta de cada indivíduo. No envolvimento com a música, os indivíduos deixam sua imaginação ir adiante, fazem escolhas e realizam sonhos” (BRUSCIA, 1998, p.278).

Estas considerações fortaleceram a iniciativa de estudar a relação da música e sentimentos de mulheres negras pela perspectiva da prática e da teoria da musicoterapia. Trata-se de uma tentativa inovadora, pois trabalhos dessa ordem são escassos na literatura.

Entende-se nesse trabalho, que as interações sociais geram sentimentos que são intercambiados nas atividades da vida diária. Desse modo, gênero, raça e classe social são elementos interligados que não podem ser considerados separadamente (SARDENBERG, 2015). Essas categorias sociais, nas relações e ligações que produzem, nos sentimentos que vivenciam e despertam nos outros e assim constituem subjetividades. Adota-se aqui a noção de que subjetividade é resultante da dinâmica social que modifica a pessoa ao expandir conexões entre o sentir, o agir e o pensar (HELLER, 1989). Dessa forma também atuam sobre a subjetivação o racismo e o preconceito. Sardenberg (2015) afirma que o racismo se faz nas diferenças físicas como cor, tipo de cabelo, tipo de nariz, sendo um marcador opressor e que faz segregação de um grupo. Já o preconceito distingue e separa os seres humanos enquanto raça, religião, classe social (SILVA, 2006).

Com o entendimento de que os marcadores sociais, culturais e históricos, se entrelaçam quando se estuda os sentimentos das mulheres negras é que, nesta pesquisa buscou-se compreender os sentimentos e pensamentos dessas mulheres a respeito de suas vidas e experiências pessoais, por meio de uma imersão em atividades musicoterapêuticas. Além das atividades musicais, também foram considerados os relatos sobre as experiências de vida de duas mulheres negras participantes deste estudo.

Sobre a expressão de sentimentos em atividades musicoterapêuticas, encontramos uma pesquisa realizada por Peixoto (2011), sob o título: “Musicoterapia comunitária em um bairro de Goiânia: uma contribuição para a política nacional de saúde integral da população negra”. No trabalho, a autora afirma que “a Musicoterapia contribui para as pessoas reconhecerem que o direito ao pertencimento assegurado lhes tornam capazes de descobrir os fatores positivos que fortalecem sua saúde”. (p.30)

A autora acrescenta que “descobrir o que lhe faz sofrer, o que provoca mal-estar é o primeiro passo para a promoção da saúde” de mulheres negras. Assim, pareceu oportuno compreender os sentimentos e pensamentos delas a respeito de suas vidas e experiências pessoais, quando em atividades musicoterapêuticas.

2 | METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objetivo compreender os sentimentos e pensamentos de mulheres negras a respeito de suas vidas e experiências pessoais, por meio de uma vivência musicoterapêutica. O estudo foi desenvolvido sob o

conceito da pesquisa viva, tecido pela educadora musical e pesquisadora de artografia, Rita Irwin (2013).

Trata-se de uma pesquisa viva porque se volta para o entendimento de eventos vividos “ao longo do tempo, relacionando o que pode e o que não pode parecer relacionado, sabendo sempre que haverá ligações a serem exploradas” (IRWIN, 2013, p.29). Nesse contexto, para a obtenção de dados são utilizados os métodos tradicionais das ciências sociais e também histórias de vida, fotografias e lembranças. Há destaque para os temas recorrentes nos dados e também com as percepções do pesquisador quanto os sons, imagens, performances e palavras, em interligações que buscam a construção de significados adicionais em uma “conversação relacional” (IRWIN, 2013, p.30).

A partir dessa orientação metodológica, foi realizada uma intervenção musicoterapêutica com mulheres negras, para se obter relatos de suas experiências pessoais, de fatos de suas vidas, e dos sentimentos que perpassaram essas experiências.

Essa pesquisa foi submetida ao comitê de ética e aprovado sob o CAEE nº 56744316.5.0000.0094. Para a construção dos dados, duas mulheres negras foram convidadas a participar. Hester tinha 58 anos, era pastora, cuidadora de idosos, divorciada, com quatro filhos. Nilda 55 anos, era cozinheira aposentada, viúva, três filhos, ensino médio completo e formada no curso de *chef* de cozinha. As participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecidos e foram aqui chamadas por nomes fictícios para atender às normas ética da resolução 244/2012.

A construção dos dados constou de um processo de três fases que foram realizadas uma em continuidade da outra. Na primeira fase houve a participação em uma vivência de encontro de musicoterapia em grupo. A segunda fase foi dedicada à entrevista e, uma terceira foi composta da escolha de uma canção significativa, execução da canção e interpretação do seu significado na vida das participantes.

O objetivo dessa intervenção sequenciada, foi a imersão na prática musicoterapêutica para propiciar às mulheres a sensibilização para as fases do trabalho. Houve a preocupação em manter as participantes em contato com a música, a performance de expressão corporal, a palavra falada e cantada, como estratégia de articulação com a vida das mulheres. Dessa forma, antecipou-se que a imersão nas práticas artísticas de caráter musicoterapêutico as aproximariam de pensamentos, lembranças que estariam ligadas às suas próprias vidas, facilitando o processo de obtenção de dados e dos objetivos da pesquisa.

A vivência em grupo aconteceu pela manhã, no encontro aberto em musicoterapia. O encontro aberto em musicoterapia, é uma reunião mensal, em que participaram pessoas atendidas no Centro de Atendimento de Musicoterapia da universidade, juntamente com suas famílias, amigos e convidados de toda a comunidade. A atividade faz parte do projeto de extensão, ofertado pela Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR.

Neste encontro aberto de musicoterapia, as participantes da pesquisa vivenciaram atividades musicais musicoterapêuticas em grupo. As atividades propostas no encontro

aberto, foram cantar, tocar, dançar. Elas interagiram com os demais dessa vivência, entre eles jovens, crianças, adultos, idosos, professores e alunos do curso de Bacharelado em Musicoterapia. Junto com o grupo elas recordaram canções de sua infância como as cantigas de roda, ouviram as músicas pedidas pelos outros membros do grupo e foram observadas pela pesquisadora para obtenção dos dados desta pesquisa.

Após a participação no encontro aberto, as mulheres foram convidadas a participar de uma entrevista composta por perguntas abertas, que trataram dos seguintes temas: como foi participar do encontro aberto em musicoterapia, fatos da vida delas, experiência marcante que nunca esqueceram, ocupação que gostariam de exercer, em que situação vida escutam música, estilo de música preferido, músicas significativas e por quê.

Ao findar da entrevista, a pesquisadora solicitou às mulheres que lembrassem de uma canção, posteriormente uma palavra ou frase da canção. Para incentivar as participantes a cantarem e falarem sobre o significado da canção por elas escolhida, foi utilizada as técnicas de audição e recriação descritas por Bruscia (2000). A canção sugerida pelas participantes e acolhida pela pesquisadora, foi Vitoriosa, composta por Ivan Lins.

Os dados encontrados na observação da participação das mulheres no encontro aberto, na entrevista e vivência musicoterapêutica final, foram analisados conforme a recorrência temática e organizados em clusters. De acordo com Kasznar e Gonçalves (2014), os clusters consistem no agrupamento de dados a partir de similaridades, de maneira que os elementos que os compõem tenham semelhanças entre si. Leituras e releituras atentas foram necessárias para que as similaridades pudessem resultar nos clusters aqui encontrados. Por fim, foram apresentados comentários sobre os conteúdos dos agrupamentos, reflexões estas resultantes das diferentes observações às quais os dados foram submetidos. Essa proposta metodológica sugeriu mais uma discussão sobre as manifestações das mulheres participantes do que uma análise conclusiva devido ao caráter exploratório do tema apresentado.

A seguir estão disponibilizados os clusters que resultaram do processo de aproximação de similaridades e da conversa relacional entre os temas obtidos. A sintetização dessa articulação teórica para a atribuição de sentidos aos dados se revelou nos títulos dados a cada cluster.

ENCONTRO ABERTO

CLUSTER 1: A primeira experiência musicoterapêutica

Ao participarem da musicoterapia em grupo, as mulheres relataram que não sabiam como era participar de uma vivência em grupo, Hester disse: “Pra mim foi muito bom, eu não tinha noção de como era o trabalho com as pessoas assim especiais, achei muito lindo”. Nilda disse “eu gostei bastante de todo o trabalho, das músicas, de como as pessoas

são tratadas lá. Gostei bastante, pois foi uma manhã desestressante pra mim, a gente vive sempre neste stress e gostei...gostei muito”.

As músicas de roda, fizeram Hester lembrar a sua infância, “Eu achei maravilhoso, cantar e rodar, brincar de roda como a gente brincava quando era criança, e foi diferente né, porque a gente não tem essas oportunidades de participar assim de um negócio tão interessante”. Hester demonstrou alegria e pôde compreender como é uma vivência de musicoterapia em grupo, sobre isso a participante disse “tudo aquilo ali que está acontecendo, é um projeto que ajuda as pessoas, tanto as crianças quando os adultos também, me ajudou muito. Fiquei muito feliz de participar e quero participar mais. Gostei muito”.

Os grupos representam um caminho para a construção de estratégias coletivas de resistência ... a uma perspectiva metodológica aberta à inovação e capaz de sustentar transformações (MENEHHEL, 2005, p.112).

ENTREVISTA

CLUSTER 2: Solidão, perdas e depressão

As mulheres destacaram, na entrevista, experiências que, para elas, foram as mais difíceis de superar. Hester contou que rompeu de seu casamento “ 33 anos casada e de repente eu me vi separada, parece que eu morri e tive que recomeçar minha vida novamente”. Nilda falou como criou os filhos, ela relatou que, ao ficar viúva teve que trabalhar muito “criei eles sozinha trabalhando... os mais velhos cuidavam do mais novo pra eu poder sustentar, né”.

O trecho acima pode ser representado pela palavra “solidão”, pontuada por Pacheco (2013) pelo sofrimento decorrente a um relacionamento mal sucedido e a morte do companheiro. Nesta pesquisa, os desafios de se colocar no mercado de trabalho, como citado por Hester: “eu recomecei, nos 50 anos”, também refletem a batalha solitária de uma mulher que quer se inserir no mercado de trabalho. Pacheco (2013) aponta que “[...] Uma mulher negra trabalhadora [...] experimenta a opressão a partir de um lugar, que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista”. (PACHECO, 2013, p.29).

Na nossa sociedade, o racismo determina como e em que atividade mulheres negras vão se inserir no mercado de trabalho, além disso, mulheres negras com 50 anos ou mais, tem esse acesso a um trabalho prejudicado em relação as mulheres brancas, (GOES; NASCIMENTO, 2013). Essa foi a realidade de Hester, que completou: “eu tive que recomeçar, reescrever a minha história e recomeçar novamente né, trabalhar, procura uma profissão que até então eu não tinha assim uma profissão, né”.

As duas mulheres destacaram fatos que, de tão marcantes, ficaram datados em

suas memórias. Nilda disse: “me marcou muito o ano de 2003 que foi um ano terrível na minha vida que foi um ano que eu perdi, né... Neste acidente foi quando eu perdi um dedo, eu sofri muito e perdi meu neto também”. Ela atribuiu o sentimento de tristeza a estas experiências de perda e de sofrimento a depressão que vivenciou: “... Eu fiquei em depressão, fiquei doente mesm, dois anos”.

Sobre a depressão Silva, Zanini e Pereira (2008) afirmam que esta doença apresenta uma multiplicidade de sintomas que, afetam as relações interpessoais, levando o indivíduo a prejuízos sociais e pessoais. Esses traços se mostram quando Nilda disse que sofreu sozinha: “são fatos da minha vida que a minha família não sabe”.

CLUSTER 3: Sonhos e recomeço

Hester, relatou que no ano de 2003 sofreu 3 infartos: “eu passei por procedimentos bem dolorosos né, que achei que eu não iria suportar, que eu não iria conseguir vencer, fui desenganada pelos médicos por causa do meu problema cardíaco”. Após passar por essa situação difícil, relatou que começou a dar mais valor as coisas “eu vivo mais, um dia, cada dia, aprendi a viver cada dia”. As mulheres contaram também de suas lutas para reverter as situações de solidão e perdas. Após um casamento de mais de 30 anos, Hester se viu na necessidade de voltar a trabalhar, de se recolocar no mercado de trabalho. Ela falou: “fui estudar, e hoje eu trabalho né, exerço a minha profissão e também sou pastora né, tenho as minhas atividades como pastora”. Nilda foi cozinheira “a vida toda”, e agora se sente realizada em costurar: “não quero mais cozinhar, agora eu quero costurar”.

A mudança de padrão de vida de mulheres negras, pontuada por Pacheco (2013), se dá através do estudo. Por necessidade, as participantes foram estudar para se recolocar no mercado de trabalho e buscar uma melhor remuneração para sustentação da família. Elas não alcançaram status social ao exercer suas profissões e também não ascenderam socialmente, mas puderam seguir suas vidas e criar os filhos com dignidade

CLUSTER 4: Música na vida cotidiana

O musicoterapeuta Bruscia (2000) considera que “a beleza da música vai além da beleza de suas aparências e estruturas, ela também emana da alma e quando um cliente consegue colocar a alma na música ou fazê-la cantar, a música é bonita” (p.102). A música, era um elemento presente na vida das participantes. Hester nos contou que gostava de escutar música quando estava em casa: “ligo o radinho lá e fico ouvindo música de manhã, e a noite também eu durmo com o rádio ligado, a noite inteira ouvindo música”. Nilda contou que gosta de música: “escuto música de manhã, de manhã eu faço as minhas coisas com o rádio ligado, então eu gosto de trabalhar ouvindo música”.

Entre os gêneros de música ouvidos pelas mulheres estavam o sertanejo, gospel, rock, música brasileira, as “músicas românticas”, como elas disseram. Nilda afirmou que não tinha nenhum estilo preferido. Ela ouvia as músicas que tocavam no momento,

músicas brasileiras. Porém, disse que estava ampliando seu repertório musical em razão de estar estudando inglês. Ela ponderou: “eu tô escutando bastante música em inglês, tô ouvindo rock, tô aprendendo a gostar de rock, coisas que eu não gostava... Tô aprendendo a gostar de músicas em inglês, pop rock eu tô ouvindo bastante”. Hester relatou seu gosto por música evangélica, e ressaltou que gosta de “música boa”, músicas que passam uma “mensagem legal”. A participante disse que músicas sertanejas para ela, são boas, mas que “por estar em um novo relacionamento”, tem ouvido músicas românticas. O processo de escutar música pode “introduzir mudanças positivas” (BRUSCIA, 2000, p.101-102), pois a música possui as qualidades estéticas necessárias para motivar as pessoas em modificações psicológicas, cada experiência musical tem um significado diferente para cada indivíduo.

VIVÊNCIA MUSICOTERAPÊUTICA

CLUSTER 5: Os sentimentos expressados na atividade musicoterapêutica

Na imersão vivenciada pelas participantes, a experiência da audição (BRUSCIA, 2000) foi o disparador do desenvolvimento da prática musicoterapêutica. A audição musical é uma técnica que estimula respostas específicas tanto corporais como mentais a ponto de facilitar a memória, a imaginação, as lembranças de experiências afetivas (BRUSCIA, 2000). O autor afirma que o terapeuta pode induzir de forma consciente os participantes a escolherem uma música. A música que vem à mente pode ser uma referência da história vivida, que após ter sido escutada e cantada passa a ser elaborada verbalmente. Nas técnicas de discussão Bruscia (1987) utilizadas na vivência procurou-se atribuir significado às lembranças evocadas pelas mulheres.

Para iniciar a vivência musicoterapêutica, as participantes foram convidadas a lembrar de uma música que elas gostassem bastante. Nilda teve dificuldade de lembrar alguma música que lhe fosse significava. Ela ressaltou que era a “música do momento”. Ela citou Maria Rita e Milton Nascimento, mas não conseguiu lembrar nenhuma canção em específico. Hester disse que gostava da música do Ivan Lins e destacou a palavra “vitoriosa” que é o nome da canção.

A palavra “vitoriosa”, foi então, o disparador para a vivência. Foi perguntado as participantes se elas lembravam um trecho da canção. Hester cantou imediatamente. “quero, sua risada mais gostosa, esse seu jeito de achar, que a vida pode ser maravilhosa...” verso da canção Vitoriosa de Ivan Lins (1986). E depois comentou: “ é por aí né... O começo dela...”. Foi então proposto pela pesquisadora que elas ouvissem a canção. As duas participantes aceitaram. Fizemos a audição usando o recurso da internet, no site Youtube. As mulheres compartilharam melodia e letra na audição. A seguir está a letra da música ouvida.

Vitoriosa – Ivan Lins

Quero sua risada mais gostosa
Esse seu jeito de achar
Que a vida pode ser maravilhosa
Quero sua alegria escandalosa
Vitoriosa por não ter
Vergonha de aprender como se goza
Quero toda sua pouca castidade
Quero toda sua louca liberdade
Quero toda essa vontade
De passar dos seus limites
E ir além, e ir além...
Quero sua risada mais gostosa.
Esse seu jeito de achar
Que a vida pode ser maravilhosa
Que a vida pode ser maravilhosa...
(LINS, 1986)

Enquanto ouvíamos a canção, as mulheres tentaram cantar junto. Foi possível notar que lembravam de algumas frases, porém, acompanhavam a voz do cantor e iam lembrando e cantavam alto; “que a vida pode ser maravilhosa” Fizemos uma segunda audição para que elas conseguissem recordar e cantar toda a letra da canção. Dessa vez houve abertura vozes, ou seja, as participantes cantaram a tônica da canção e a pesquisadora entoou a terça. As duas participantes conseguiram cantar neste intervalo sonoro proposto.

CLUESTER 6: Maravilhosas / Vitoriosas

A canção escolhida pelas participantes evocou lembranças do passado, sentimentos experienciados na vida das mulheres. Abaixo estão destacadas alguns trechos do diálogo que ressaltam os sentimentos das mulheres em relação à vida, os sonhos, dos obstáculos que surgiram ao longo de sua trajetória, e também os pontos de resistência como a esperança para ir além.

Nilda: Que a vida pode ser maravilhosa! Dizendo a frase sorrindo e cantando.

Hester: Esse teu jeito de achar... e terminam a frase cantando: que a vida pode ser maravilhosa.

Pesquisadora: Porque a vida pode ser maravilhosa?

Nilda: Porque a gente tem que viver! Viver em paz e ir além, sonhar... e a vida pode ser maravilhosa!

Hester: E a vida é maravilhosa quando tem esperança... esperança é o ponto de partida

Nilda: é... é o sonho né?

Hester: você em esperança que a vida pode ser maravilhosa né? Esse é meu jeito de achar...

E todas cantam juntas: Esse teu jeito de achar... que a vida pode ser maravilhosa...

Pesquisadora: E a sua risada mais gostosa?

Nilda: sorri em volume alto contagiando a todas.

3 | REFLEXÕES FINAIS

Neste trabalho, duas mulheres negras se envolveram em um processo de imersão em atividades que buscaram sensibilizá-las a falar de suas experiências de vida e dos sentimentos a elas relacionados. Técnicas e práticas musicoterapêuticas foram adotadas para estimular a participação e também para cercar as participantes do cuidado necessário a um procedimento científico. A participação em trabalho de grupo oportunizou a sensibilização à escuta, à observação do outro, ao compartilhamento de circunstâncias de vida e às reminiscências de experiências próprias.

Questões abertas de uma entrevista deram vazão aos pensamentos e sentimentos que afloram no decorrer do fazer musical coletivo. Por fim, escolher uma canção, escutá-la e a ela atribuir sentido, foram ações que reforçaram os sentimentos, permitiram a elaboração dos mesmos em diálogo com a musicoterapeuta e oportunizaram o fechamento de um dia de trabalho emocional intenso.

Neste o processo ativo de participação, as mulheres se mostraram suscetíveis a experiências diferenciadas, ao contato com pessoas que não conheciam. Retiraram desses eventos novos conhecimentos sobre a realidade e sobre si mesmas. As elaborações finais das participantes revelaram suas lembranças sobre fatos difíceis de suas vidas e também das estratégias que construíram para superá-los. As muitas vivências de solidão e de sucessivas perdas foram seguidas de ações que levaram à superação, senão à modificação de rotinas vividas no passado.

Entendemos que os processos de pensar e sentir das mulheres negras é atravessado por questões de gênero, raça e classe, em um movimento que não isola cada um desses marcadores, mas os têm como interdependentes. Dessa forma, surpreendeu que referências ao racismo, preconceito e estética (como se sentem em relação ao cabelo) não tenham sido feitas pelas participantes. No entanto, questões históricas podem ser determinantes desse fato, uma vez que os movimentos de autoafirmação da mulher negra são recentes e foi a partir deles que as denúncias de segregação racial no Brasil foram amplamente tratadas.

Embora os sentimentos expressados pelas mulheres negras participantes deste estudo, sejam comuns a todas as mulheres, independente de raça ou classe, observa-se que mulheres negras ao longo da história, enfrentam obstáculos diferenciados em sua caminhada por serem mulheres e negras. O racismo, enraizado desde a formação do país, e o preconceito agregado às condições de gênero e classe, é o que diferencia as experiências de vida das mulheres negras em relação às mulheres brancas, quando ao acesso à educação, saúde, nas relações amorosas e nas condições de inserção no mercado de trabalho.

Sobre a especificidade da solidão da mulher negra, Pacheco (2013) aponta que “no plano sexual e afetivo, as mulheres negras sofreram a penúria, a humilhação e a infelicidade por ter relações amorosas transitórias, não estáveis”. (PACHECO, 2013, p.79)

Porém, mesmo que estes marcadores sociais tenham sido presença constante nas suas vidas, as mulheres negras participantes desta pesquisa não se vitimaram, pelo contrário, revelaram que buscaram alternativas para uma vida digna, tanto para elas como para os seus. Entre essas alternativas, a formação pessoal, a educação figurou como um ato de resistência, uma esperança de superação.

Na experiência de pesquisa aqui relatada, percebeu-se que a música foi meio de expressão, foi a oportunidade de elaboração de sentimentos. Ao cantarem a frase “que a vida pode ser maravilhosa” as mulheres reafirmaram coragem e força, pois, apesar das dificuldades que passam ao longo da vida, não se deixam abater, enfrentaram seus problemas e hoje escolhem as profissões que querem exercer, os relacionamentos que querem manter, as atividades às quais querem se dedicar.

Ainda são poucos os textos que relacionam intervenções musicoterapêuticas no âmbito da vida das mulheres negras. A abordagem social e comunitária pode ser oportuna para essa prática uma vez que trabalha com aspectos culturais e relacionais da vida cotidiana. Como foi visto na imersão experienciada pelas mulheres negras participantes da pesquisa, a música, as técnicas musicoterapêuticas e a presença da pesquisadora musicoterapeuta oportunizaram a expressão de sentimentos, a elaboração de reminiscências. Acredita-se que ações como essas, baseadas no fazer musical e em vivências propostas pela prática da musicoterapia possam fortalecer as mulheres negras e promover mudanças no seu cotidiano.

Dentre as funções dos profissionais de musicoterapia, inclui-se a promoção da saúde da população negra através da música, a fim de que mulheres negras possam expressar seus sentimentos, fortalecendo umas às outras e mudando o rumo de sua trajetória para o desenvolvimento de ações de protagonismo. A elas cabe entender seu lugar social, a legitimidade de seus pensamentos e sentimentos e de como estes podem mudar o rumo de suas vidas, com luta, educação, trabalho e superação. Depois disso é que se pode promover o fortalecimento da identidade feminina e o empoderamento dessas mulheres. (PEIXOTO, 2011, p.211)

Assim, espera-se que esta pesquisa possa incentivar mais estudos sobre o tema aqui tratado para que esse assunto se faça presente tanto na prática como na formação dos profissionais musicoterapeutas.

REFERÊNCIAS

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Enelivros, Rio de Janeiro, 1998

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BRUSCIA, Kenneth E. **Improvisational models of music therapy**. Illinois: Charles C. Thomas Publisher, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª edição. Pernambuco. Editora Global, 2003.

GOES, E. F.; NASCIMENTO, E. R. **Mulheres negras e brancas e os níveis de acesso aos serviços preventivos de saúde: uma análise sobre as desigualdades**. Saúde em Debate. Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, 2013, p.571-579.

HELLER, A. **O Cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1989

IRWIN, Rita L. *A/r/tografia*. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Or.), **Pesquisa educacional baseada em arte: artografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p.27-38.

KASZNAR, Istvan, K. GONÇALVES, Bento M. L. **Técnicas de agrupamento clustering**. Revista Científica e Tecnológica. Institutional Business Consultoria Internacional - IBICI. 2014.

LINS, Ivan. Vitoriosa. In: **Ivan Lins**. Ivan Lins: Som Livre. p.1986. 1LP.

MADEIRA, Z. **Mulher negra no Ceará**. Destaques do Governo. Brasília: Ministério da Saúde. Ceará. 2004. p.1

MENEGHEL, S. N. et al..**Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero**. Ciência e Saúde Coletiva, 10(1), 2005, p.111- 121. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a12v10n1.pdf>>. Acesso em: 17/08/2016.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PEIXOTO Maria da Conceição de Matos. **Musicoterapia comunitária em um bairro de Goiânia: uma contribuição para a política nacional de saúde integral da população negra**. 240 f. Dissertação de Mestrado - Setor de Música - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SARDENBERG, Cecílica. Caleidoscópios de gênero: gêneros e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Dossiê Desiguales e Interseccionalidades**. Mediações, v.20, n.2, julho-dezembro. 2015. p.56-96.

SEU JORGE; YUCA, Marcelo; CAPELETTE, Wilson. A carne. In: **Do cóccix até o pescoço**. Elza Soares. Tratore. p.2002. 1CD, digital, estéreo.

SILVA, Francisco C. C. **A subjetividade, desconstrução e construção de identidades: análise das velhas roupagens do racismo no Brasil**. Revista Espaço Acadêmico, n.62, ano VI, jul de 2006. 23p. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/062/62silva.htm>. Acesso em: 30/11/2015.

SILVA, Camila Lima; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira; PEREIRA, Maria Amélia Dias. **A contribuição da musicoterapia no tratamento de pacientes depressivos**. Anais do Encontro de Musicoterapia do Rio de Janeiro, VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e VIII Jornada Científica do Rio de Janeiro, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afinidades 157, 158, 159, 161, 162, 206

Alagoas 109, 110, 111, 112, 113, 114

Alegorias 132, 138

Análise crítica do discurso 65, 66, 67, 71, 76, 78

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 26, 28, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 107, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 125, 128, 130, 132, 133, 137, 138, 139, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 185, 187, 200, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 226

Arte contemporânea 14, 132, 157, 166, 167, 169, 175, 187

Arte moderna no Brasil 116

Arte-sistema 1, 4

Artes visuais 175, 186

Arte urbana 163

Articulação 53, 99, 100, 127, 188

Autor 1, 2, 5, 11, 13, 16, 18, 21, 29, 60, 103, 122, 132, 133, 137, 158, 159, 160, 176, 179, 185

B

Baixada Fluminense 44, 49

Baixo contínuo 188

C

Cará-roxo (dioscorea trifida) 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cinema 29, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 223, 226

Colonização 80, 81, 86, 89, 222

Comunidades indígenas 80, 82, 84

Criatividade 14, 42, 58, 219

Cultura 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 110, 115, 122, 125, 130, 155, 156, 163, 164, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 186, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 223, 226

Cultura urbana 163

D

Dignidade humana 69, 80, 82, 85, 90, 92, 93

Direitos humanos interculturais 65, 67, 68, 69, 71

Documentário 57, 58, 120, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

E

Escultura moderna 4, 116

Estilo 1, 2, 3, 5, 11, 12, 84, 89, 90, 92, 100, 102, 178

Expressão de sentimentos 96, 97, 98, 106

Expressionismo 116, 122, 126, 127, 140, 222

F

Fagote 188

Filosofia da diferença 57, 64

G

Gestão cultural 23, 25, 27, 31, 32, 34, 44, 50, 59, 173

Gestor cultural 21, 22, 28, 31, 32, 33, 34, 59, 60, 63

Giancarlo Mecarelli 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33

Guarani-Kaiowá 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94

I

Identidade 29, 44, 50, 57, 59, 62, 63, 65, 69, 72, 75, 76, 80, 88, 90, 92, 94, 97, 106, 133, 168, 171, 209, 212

Ilustrações 132, 137, 223

L

Lógicas operacionais 1

M

Motivos paisagísticos 140

Mulheres negras 96, 98, 99, 101, 102, 105, 106, 107

Museu 15, 49, 93, 118, 131, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 173

Musicoterapia 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108

N

Neuro ciências 132

Novas estratégias urbanas 163

P

Paraty 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

Paraty em foco 34

Performance 99, 157, 159, 161, 188

Pintores canários contemporâneos 140

Pintura moderna 116, 125, 155

Pinturas 118, 127, 132, 142, 144, 156, 214, 215, 217, 219, 222, 224

Políticas culturais 25, 28, 34, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63

Povo surdo 65, 69, 75

Produtos alimentícios não convencionais 109

R

Reacção à era tecnológica 140

Reconhecimento 16, 21, 33, 45, 49, 50, 65, 70, 74, 75, 76, 77, 87, 92, 116, 117, 127, 128, 130, 217

Redistribuição 65, 70, 76

Regeneração urbana 163

Romantismo 132, 140

S

Sustentabilidade 14, 43, 59, 110, 166

T

Tunga 157, 158, 159, 160, 161, 162

V

Videoarte 175, 176, 184, 185

Violência simbólica 80

ARTE

Multiculturalismo e diversidade cultural

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2




Atena
Editora

Ano 2021